

OS MESTRES

DEDICADOS, ELES AJUDARAM A ENRIQUECER A CIDADE

À LUZ DO LIVRO E DA EXPERIÊNCIA

Eles são referência para a cidade e dedicaram suas vidas ao ensino de pessoas de diferentes faixas etárias. Mais do que aulas normais, ministram ensinamentos para a vida. Uma frase atribuída à poetisa Cora Coralina diz: "Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina". O pensamento traduz o espírito dessa arte de viver para ensinar e aprender. E os educadores de Brasília se doam a cada dia com o objetivo de multiplicar o aprendizado.

Esse conceito deu uma força a mais a Lucília Garcez na escolha de sua profissão. Nascida em Uberaba (MG) e criada em Belo Horizonte, a professora e escritora de 59 anos veio morar na capital do país em 1975. Seu pai, Hermenegildo do Carmo, era servidor da Receita Federal e tinha familiares em Goiás. Decidido a morar mais perto dos parentes, trouxe toda a família para a capital. E foi aqui que Lucília ingressou na área de educação, embora o sonho fosse antigo. "Desde criança eu brincava de professora. Fui influenciada pelos meus professores e sempre gostei de ler e de escrever. Além disso, meu pai achava que nada era mais bonito do que ensinar às pessoas o que você sabe".

Unindo seus sonhos ao desejo do pai, ela começou a trabalhar na Fundação Educacional do DF. Deu aulas no Gama e em diversas escolas de jardim de infância; estudou na Universidade de Brasília (UnB), no Instituto de Letras, onde, mais tarde, tornou-se professora em um ambiente que ela considera um ninho de mestres em todas as áreas. Sobre Brasília, ela afirma: "Eu vim para cá muito jovem, com 15 anos. A minha terra é Brasília. Quase não tenho ligação com os lugares onde nasci e morei em Minas. É aqui que tenho meus amigos, minhas referências".

Com experiência no ensino nos mais diversos níveis escolares, ela pôde comparar as perspectivas de cada um deles. "Cada fase tem seu encanto e seu desafio. Para trabalhar com criança muito peque-

Rayssa Coe/Esp. CB/D.A Press - 10/10/07



A professora Lucília Garcez com seus alunos da Escola Canarinho: ensino e aprendizado com bom humor

na, você precisa seduzir, agradar, é preciso ter muita habilidade. Com adolescentes, é preciso ter jogo de cintura de modo a conseguir cativá-los para quererem aprender. E com adultos você precisa construir uma ideia para que eles abracem a carreira com mais entusiasmo. Em todas as fases você trabalha com a personalidade das pessoas", explica.

Foi ainda durante o ensino na universidade que Lucília começou a publicar livros de sua autoria. Inicialmente, voltou-se para os adultos em obras como *A escrita e o outro* (1998) e *Técnica de redação — o que é preciso saber para bem escrever* (2001). Ao lado do ilustrador Jô Oliveira, entrou também no universo da literatura infantil, com publicações como *Luiz Lua* (biografia de Luiz Gonzaga, 1998), *O Sorriso do gato* (1998) e *Mãe do ouro* (2005).

CHANCES IGUAIS

Quem também começou a dar aulas aqui na cidade foi Júlio Gregório Filho, nascido em Catanduva (SP). Em 1974, prestou o vestibular da UnB e veio morar em Brasília, como estudante de química. No ano seguinte, foi convocado para ensinar no recém-inaugurado colégio Objetivo, já que, na época, segundo ele, havia uma carência de profes-

sos nas áreas de ciências. "Percebi que a minha opção foi a educação. Gostei muito e entrei de corpo e alma na sala de aula; depois percebi que nem químico eu queria ser, mas sim professor", relata.

Em 1977, foi morar na França, mas, um ano depois, retornou a Brasília justamente para trabalhar como professor, cargo que exerceu tanto na rede pública quanto na privada. Foi em 1985 que Gregório realizou um feito que muito o destacou no cenário da educação de Brasília: a fundação do Centro de Ensino Médio Setor Oeste (Cemso). "Percebemos que tínhamos de constituir uma escola pública capaz de dar aos estudantes as mesmas condições que as particulares na aprovação em vestibulares. Foram convidados alguns professores, e a proposta gerou aprovações na Unicamp, no ITA, na UnB e em outras faculdades", conta ele.

Claro que o ensino vai muito além das quatro paredes de uma sala de aula, e em Brasília isso não poderia ser diferente. Mais do que ensinar português, matemática, história ou geografia, há mestres aqui que decidiram ministrar outros tipos de cursos, com foco na vida dos alunos. Um exemplo de quem decidiu seguir por essa linha foi Ricardo Amorim. Nascido na capital federal, há 43 anos, interessou-se por música nos anos 80, época do auge das bandas locais.

Ele estudou na Escola de Música de Brasília e cursou licenciatura em música na UnB, além de ter feito cursos em Curitiba. Em 2001, Amorim deu início às aulas no Recanto das Emas, no que, anos depois, veio a se tornar o **Instituto Batucar**. "Comecei a conhecer melhor a realidade do Entorno e vi muito potencial precisando de oportunidade". Com apoio financeiro, hoje o instituto ministra aulas para 80 crianças, adolescentes e jovens, com idades entre 7 e 21 anos, sempre em horários opostos aos da escola. "O objetivo é levar arte, cultura e educação como ferramenta de inclusão social dessas crianças em situação de vulnerabilidade", afirma. No ano passado, o projeto chegou a ganhar o prêmio Itaú Unicef.

Batuques na pele

Essa técnica de musicalização utiliza nada mais que o próprio corpo para a geração dos sons, como para bater palmas e pés e estalar os dedos. Um grupo conhecido que faz uso desse diferente jeito de fazer música é o paulista Barbatuques (www.barbatuques.com.br).

NÃO BASTA FAZER UMA CIDADE MODERNA; O IMPORTANTE É MUDAR A SOCIEDADE"

OSCAR NIEMEYER